

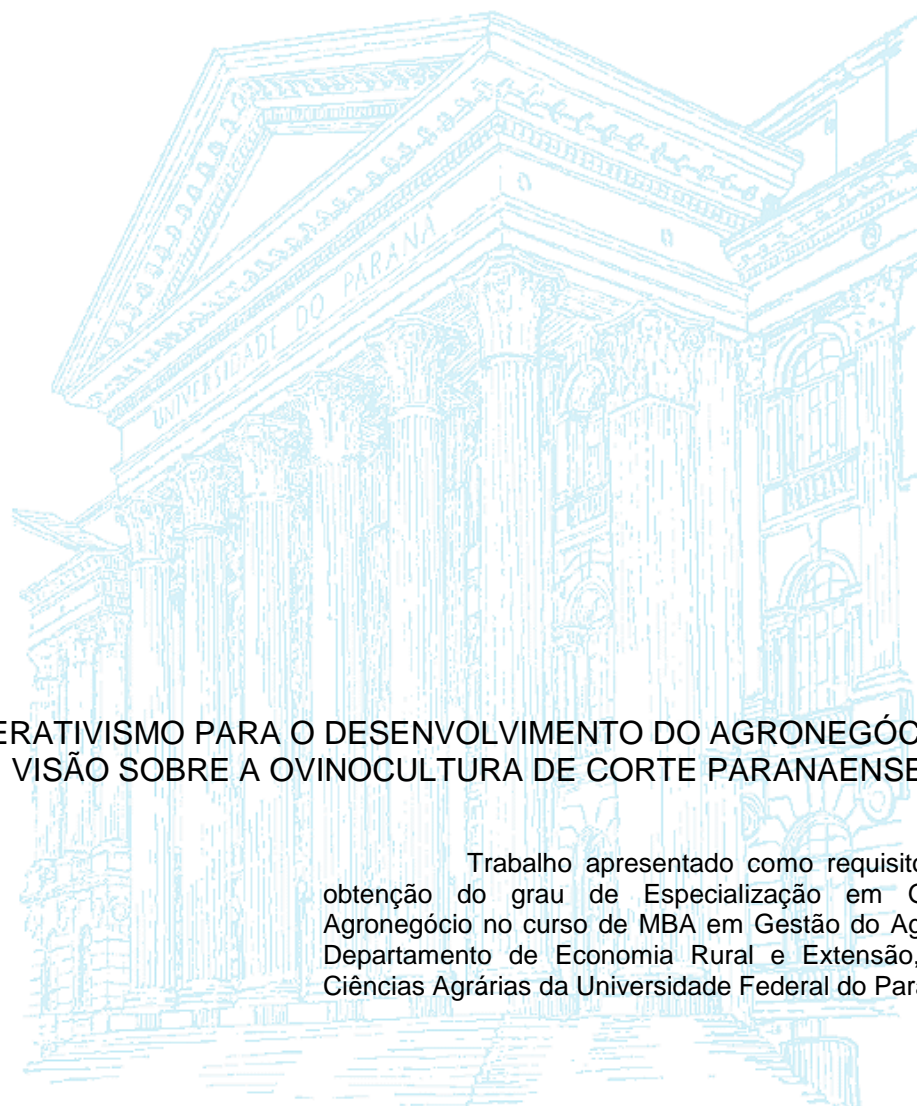
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MYLENA TABORDA PIQUERA PERES

COOPERATIVISMO PARA O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO: UMA
VISÃO SOBRE A OVINOCULTURA DE CORTE PARANAENSE

CURITIBA
2016

MYLENA TABORDA PIQUERA PERES



**COOPERATIVISMO PARA O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO: UMA
VISÃO SOBRE A OVINOCULTURA DE CORTE PARANAENSE**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Especialização em Gestão do Agronegócio no curso de MBA em Gestão do Agronegócio, Departamento de Economia Rural e Extensão, Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Lúcia Gomes Monteiro

Co-orientador: Prof. Msc. Elísio de Camargo Debortoli

CURITIBA
2016

AGRADECIMENTOS

Ao Ser Supremo que me guia e me faz ter força a cada nova manhã. Não foram poucas as vezes em que pensei em desistir, mas a cada momento um sopro de ânimo ressurgiu...

Aos meus pais, pelos quais eu devo a vida e tudo que conquistei... e o que ainda está por vir. Não consigo pensar em nenhuma vitória sem vocês ao meu lado, meus maiores alicerces!

A esta universidade, que se tornou minha segunda casa desde a Graduação, por me dar a oportunidade de sempre vislumbrar além.

A minha Orientadora, exemplo de competência, seriedade e paciência.

Ao meu Co-orientador que, além do auxílio neste curso de Especialização, é amigo e companheiro nas tarefas da fazenda.

Aos 'parças' do MBA, Juh e Andrezão, pelo companheirismo, risadas, shawarmas e hot dogs que dividimos durante nossa caminhada até aqui.

A toda equipe do LAPOC/UFPR e, em especial, aos Tops do Lapocão, que nunca se negaram a ajudar na lida bruta com as ovelhas e ainda tinham entusiasmo pros churrascos, encontros gourmet e pausas para os lanches que viravam cafés coloniais!

Aos queridos amigos da Pós-Graduação da Agronomia e Zootecnia, que nunca me deixaram desamparada nas disciplinas e no experimento do Mestrado.

A todos os meus colegas, familiares e parceiros que, de alguma forma, contribuíram durante essa jornada... MUITO OBRIGADA!

“Chegar junto é o princípio.

Manter-se junto é o progresso.

Trabalhar junto é o êxito.”

Henry Ford

RESUMO

A indisponibilidade de carne ovina brasileira no mercado é considerada um problema há anos. A questão se deve, em grande parte, pelo pequeno rebanho brasileiro em comparação à demanda interna de carne, e ainda aos problemas na cadeia produtiva, oferta de produtos sem padrão e comércio informal de animais. A fim de fortalecer a atividade, produtores de ovinos articulam-se por meio de associações ou cooperativas, buscando ajudar-se nas fases de produção, beneficiamento e comercialização de seus produtos num mercado ainda emergente. No Estado do Paraná, instituições privadas e públicas em conjunto com as sete cooperativas que atuam no ramo procuram alavancar cada vez mais a Ovinocultura de Corte, pondo em discussão as principais questões mercadológicas, políticas, econômicas e sociais do Estado. Com apoio de políticas públicas para o desenvolvimento da cadeia, é possível fazer do Estado do Paraná um exemplo de modelo cooperativista na produção e comercialização de ovinos de corte. O presente estudo tem como intuito apresentar informações relevantes sobre o modelo cooperativista e traçar o perfil do ovinocultor paranaense cooperado. A coleta de dados deu-se por meio de questionário semiestruturado, tendo como foco as características dos produtores envolvidos na cadeia produtiva das cinco principais mesorregiões paranaenses, ou seja, as localidades com o rebanho ovino mais representativo. A pesquisa serviu de base para traçar o perfil do produtor rural quanto a sua idade, nível de escolaridade, tempo na atividade, demais atividades agropecuárias desenvolvidas na propriedade, raças utilizadas, mão-de-obra, sistema de produção e tamanho de plantel.

Palavras-chave: Cooperativismo. Ovinocultura. Paraná.

ABSTRACT

The unavailability of sheep meat from Brazil on the market has been considered a problem for years. The issue is largely due to the small Brazilian herd in comparison to the internal meat demand, as well as to the problems in the production chain, the supply of non-standard products and the informal animal trade. In order to strengthen the activity, sheep producers articulate themselves through associations or cooperatives, seeking to help themselves in the production, processing and marketing phases of their products in an emerging market. In the State of Paraná, private and public institutions together with the seven cooperatives that work in the field seek to leverage the sheep farming more and more, discussing the main market, political, economic and social issues of the State. With the support of public policies for the development of the chain, it is possible to make the State of Paraná an example of a cooperative model in the production and commercialization of sheep. The present study aims to present relevant information about the cooperative model and to outline the sheep farmer profile. The data collection was done through a semi-structured questionnaire, focusing on the characteristics of the producers involved in the productive chain of the five main mesoregions of Paraná, that is, the locations with the most representative flock of sheep. The research was used as a basis for the profile of the rural producer as to his age, level of schooling, time in the activity, other agricultural activities developed in the property, races used, labor, production system and herd size.

Keywords: Cooperativism. Paraná. Sheep farming.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	5
2.1 OBJETIVO GERAL	5
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	5
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	6
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	7
5. CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A espécie ovina foi a primeira a ser domesticada pela humanidade, sendo fonte de diversas alternativas para a subsistência das civilizações, com o fornecimento de carne, leite, pele e lã (FERNANDES, 1986).

A produção brasileira ocorre predominantemente em criações extensivas, com maior concentração dos rebanhos no Rio Grande do Sul e Nordeste. Por ter um costume gastronômico com maiores tendências para a carne bovina e de aves (consumidas por todas as classes sociais e todos os dias), a carne ovina ainda tem pouca relevância no consumo do brasileiro (PÉREZ & CARVALHO, 2003). Porém, Siqueira (2006) cita em sua pesquisa que ocorre, ao decorrer dos anos, um aumento no consumo de carne de pequenos ruminantes, acarretando uma mudança na preferência alimentar dos habitantes e a ampliação na comercialização da carne ovina em boutiques de carne, restaurantes, supermercados e açougues (GONTIJO NETO, 2005), o que estimula o aparecimento de mais produtores de ovinos e a diminuição do preço no mercado, tornando-a mais popular.

De 2005 até 2014, estimou-se um aumento anual na procura de carne ovina de 2,1% no mundo, favorecendo a demanda de importações pela América do Norte, Oriente Médio e Europa, que compram carne da Oceania, maior produtora de ovinos (GUSE et al, 2013). O Brasil também pode se beneficiar, futuramente, desse aumento na demanda pelos países importadores, todavia, as metas que proporcionam entrar no mercado de exportação ainda não foram alcançadas, como: aumento do rebanho, oferta de animais jovens e lotes homogêneos para abate e organização dos criadores.

Uma característica muito forte na Ovinocultura brasileira é que a atividade não é a principal dentro das propriedades rurais. Em geral, os pecuaristas ou agricultores tratam a criação de ovinos como atividade paralela, utilizando instalações simples (muitas vezes, antigas instalações para suínos) e mão-de-obra familiar (CAMPOS et al., 2005).

Taguchi (2002) defende a atividade como algo rentável e com retorno financeiro seguro, principalmente porque a demanda continua crescente. Com a mesma linha de pensamento, Santos (2004) cita que a Ovinocultura gera renda ao produtor e desencadeia um estímulo nas empresas de equipamentos e insumos, indústrias de ração, empresas de medicamentos, universidades, centros de pesquisa e gera empregos para muitos profissionais, como veterinários e zootecnistas.

O atual rebanho brasileiro de ovinos para carne não supre a procura interna do país, onde o consumo médio anual por habitante gira em torno de 0,7 kg (FAO, 2013). Assim, 45% da carne consumida no país é importada do Uruguai, sendo o Brasil o maior comprador de carne ovina uruguaia. Mesmo que o consumo por habitante seja bem baixo se comparado com os outros produtos cárneos, o mercado brasileiro é um forte consumidor de ovinos, visto os volumes de importação de carne cada vez maiores no decorrer dos anos (SOUZA *et al.*, 2016).

Segundo dados do Instituto Nacional de Carnes do Uruguai (INAC), o Brasil duplicou as importações de carne entre 2012 a 2013. Esta demanda crescente incide no preço pago ao produtor uruguaio, tanto em borregos quanto em animais adultos. Segundo Guedes (2006), a falta do produto brasileiro no mercado já é considerada um problema crônico e apresenta um grande déficit há anos. Em contrapartida, de forma ainda tímida, os produtores de ovinos procuram se articular de forma profissional, a fim de abastecer o mercado com produtos a preços acessíveis e ótima qualidade nos cortes (GALVÃO, 2004).

Como foi observado por Faria & Silva (2006), o crescimento da Ovinocultura em escala comercial esbarra em diversos problemas, dentre os principais a oferta de produto sem padrão e uma atividade com presença do comércio informal (SIMPLÍCIO, 2001). Mesmo assim, a carne ovina é procurada por consumidores de classes média e alta exigentes e que procuram consumir uma carne saudável e nobre.

No Estado do Paraná, instituições públicas e privadas se interessam em alavancar a produção de ovinos no Agronegócio brasileiro, recomendando, assim como Siffert Filho & Faveret Filho (1998), os criadores a utilizarem o associativismo, cooperativismo ou alianças entre empresas como estratégia de sucesso. Ainda

assim, os pequenos produtores (característica vista comumente nas criações de ovinos no Brasil) ainda têm certa dificuldade em fazer parte de cooperativas ou associações (FARIA, 2008). A autora ainda cita que, com a parceria firmada entre produtores, todos os agentes da cadeia se ajudariam mutuamente nas etapas de produção, beneficiamento e distribuição, o que auxiliaria no fortalecimento da atividade.

Para tornar a atividade mais rentável e com o intuito de profissionalizarem-se, os ovinocultores paranaenses têm se organizado em pequenas Cooperativas nos últimos anos. Atualmente, os produtores de ovinos para carne contam com sete cooperativas em todo o Estado do Paraná, que se responsabilizam pelo abate, industrialização e comercialização do produto, ficando o criador apenas com o compromisso da produção animal.

Além do apoio das Cooperativas, os produtores têm acesso ao Programa de Fomento da Ovinocultura Paranaense, do governo estadual, e assistência da Comissão Técnica de Caprinocultura e Ovinocultura da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP). Por meio de reuniões periódicas com produtores representantes das regiões do Estado, é possível que se troquem informações sobre os problemas que os ovinocultores enfrentam, as dificuldades e os diversos fatores que prejudicam a produtividade e competitividade no setor cárneo.

Esta união proporciona a discussão dos diversos elementos que ainda dificultam a comercialização e conquista do mercado de carne ovina em território paranaense, como questões produtivas, sanitárias, políticas e mercadológicas. Tais informações dão subsídio à FAEP para atuar em prol do Agronegócio e dar o apoio necessário para o desenvolvimento da cadeia e incentivo para o consumo de carne ovina e caprina.

De acordo com as informações da própria Comissão:

As principais ações tomadas pela Comissão e que visam o desenvolvimento da cadeia produtiva de carne ovina paranaense são: organização do sistema agroindustrial, estímulo no consumo, estudo de novas opções para comercialização, profissionalização e treinamento de produtores e técnicos e estreitamento no relacionamento entre Associações e Cooperativas.

Cezar Amin Pasqualin, consultor em Ovinos e Caprinos da SEAB, cita as cooperativas Castrolanda (Castro) e CooperAliança (Guarapuava) como as

principais organizações que podem fomentar a produção no Estado do Paraná (Jornal do Oeste, 2015).

Até meados de 2011, o Estado produzia cerca de 80 toneladas de carne ao ano e contava com um plantel de quase cinco mil cordeiros. Segundo dados da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (SEAB), em 2013, foram comercializados 180 toneladas de carne e o plantel contou com dez mil cordeiros. A meta para 2015 foi de 220 toneladas de carne, com o rebanho paranaense de mais de 12 mil cordeiros e 530 mil cabeças de ovinos, fazendo com que o Estado do Paraná obtivesse o título de sexto maior produtor de carne ovina do Brasil.

Diante do exposto e dos poucos estudos relacionados à comercialização de ovinos na cadeia produtiva do Paraná, a presente pesquisa pretende gerar informações relevantes sobre o modelo cooperativista paranaense no ramo do Agronegócio, bem como das principais Cooperativas de Ovinocultura de Corte do Paraná e seus cooperados.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo do presente projeto é caracterizar a cadeia produtiva por meio do sistema cooperativista, em particular a produção de ovinos do Estado do Paraná.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever o sistema cooperativista paranaense;
- b) Levantar o perfil profissional dos ovinocultores cooperados e as principais Cooperativas envolvidas na produção de ovinos.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O trabalho monográfico foi de compilação, cuja metodologia consistiu em análise bibliográfica e pesquisa baseada em dados secundários, de modo exploratório e qualitativo.

Foi feito o levantamento de informações pertinentes ao desenvolvimento do Agronegócio baseado no Cooperativismo, tomando como suporte o contexto histórico, e à produção de carne ovina no Estado do Paraná (pesquisa qualitativa), servindo de base para a análise exploratória.

Para o desenvolvimento do trabalho, adotou-se como procedimento a escolha das mesorregiões paranaenses mais expressivas na produção ovina, levando em consideração o efetivo ovino das regiões. As propriedades rurais representativas de cada mesorregião foram definidas com a aplicação da metodologia do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), com o intuito de levantar informações das organizações a partir do ponto de vista dos membros.

A coleta de dados deu-se por meio de questionário semiestruturado, tendo como foco as características dos produtores envolvidos na cadeia produtiva.

A partir dos dados coletados com o DRP, podem-se definir os direcionadores de desempenho da cadeia (foco produtivo, uso de tecnologias, ambiente organizacional, dentre outros) sob a visão do informante. Os dados obtidos e utilizados nesta monografia são de posse da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP).

Por fim, buscaram-se trabalhos acadêmicos que serviram de suporte para a pesquisa bibliográfica sobre os agentes e processos envolvidos na Ovinocultura em estudos realizados em outras regiões do Brasil, com o propósito de avaliar-se e aprofundar-se no caso analisado (GIL, 2002).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A evolução do Cooperativismo

As práticas de cooperativismo surgiram na Antiguidade e, segundo Magrina (1986), ganharam força durante a Revolução Industrial, na Inglaterra, época em que trabalhadores, utilizando-se da cooperação, buscaram resolver as dificuldades causadas pela concentração de capital. Assim se originou o alicerce para o pensamento cooperativista no mundo todo, a partir da primeira cooperativa que se tem registro, os Pioneiros de Rochdale, em 1844.

Ainda na Inglaterra, mais precisamente em Londres, fundou-se a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) em 1895, órgão consultivo e prestador de assistência às Cooperativas de todo o mundo e que até hoje defende e preserva os diretos cooperativos (MENEGÁRIO, 2000).

Com base nas afirmativas da ACI, durante congresso em Manchester em 1995, uma cooperativa é a organização de pessoas que se auxiliam mutuamente, norteados pelos valores de igualdade, solidariedade, responsabilidade e democracia. A organização cooperativista reúne membros com interesses em comum por meio de uma empresa (ROSENBUJ, 1985), cujo modelo econômico é norteado, no Brasil, pela Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Após mais de 100 anos de ideologias cooperativistas, o Cooperativismo sobrevive sem alterações bruscas em seus princípios, apesar das várias mudanças pelas quais a humanidade passou, como os conflitos, crises econômicas, mudanças políticas, dentre outros (MENEGÁRIO, 2000).

Pode-se descrever o modelo cooperativista como um intermediário entre o Liberalismo (corrente política cuja ideologia se baseia na liberdade do indivíduo como objetivo do governo) e o Socialismo (doutrina econômica e política que prega a administração e propriedade coletiva dos meios de produção), pois defende a divisão de lucros e a preservação da liberdade individual. Além disso, a doutrina cooperativista serve como amparo aos produtores mais fracos economicamente em países capitalistas, com grande número de mono e oligopólios, e em países

socialistas onde, segundo Menegário (2000), o cooperativismo serve como proteção à intervenção estatal excessiva.

São sete os princípios básicos do cooperativismo brasileiro: filiação livre e de forma voluntária; atuação econômica de todos os membros; independência; cooperação; gestão baseada na democracia; formação e acesso à informação; e interesse à comunidade.

De acordo com Weber (1991), a tomada de decisões dentro de uma cooperativa não pode ser orientada apenas pelo capital, mas pela vontade e interesse de todos os cooperados, respeitando o senso comum e visando aspectos referentes ao ser humano, como os educacionais, sociais e políticos. Deste modo, equilibram-se os interesses pessoal e econômico, ponto este que, muitas vezes, dificulta a administração das cooperativas (PINHO, 1986) pois, para se manter competitiva e com capacidade para enfrentar o mercado diante de grandes multinacionais, os presidentes passam a priorizar mais os caracteres econômicos do que os aspectos associativos e sociais dos cooperados (GIMENES, 2004).

No Brasil, informações da Organização das Cooperativas Brasileiras apontam que os primeiros movimentos associativos entre pessoas iniciaram-se em 1847, mais especificamente na região de Cândido de Abreu/PR, a partir da fundação da Vila Agrícola Tereza Cristina. Às margens do rio Ivaí, cerca de 60 franceses vindos da Bélgica instauraram o primeiro modelo cooperativo do país, com o plantio de café, baunilha, milho, algodão e cana-de-açúcar (OCB, 1973). A inspiração para a colônia Tereza Cristina veio dos ideais socialistas de Charles Fourier e Saint Simon. Já a primeira cooperativa agropecuária surgiu em 1907 em Minas Gerais e, atualmente, este é o ramo mais relevante na economia brasileira.

A partir de pequenos produtores rurais, o Cooperativismo passou a englobar as mais diversas cadeias de produção, sendo uma das melhores opções para pequenos e médios empresários (BORGES & ROMANO, 2009). Para SILVA (2001), as cooperativas têm o poder de difundir tecnologias, agir em processos de produção, beneficiamento, armazenamento e industrialização de produto, viabilizar projetos mediante a cooperação visando o baixo custo, prestar assistência social e abastecer o mercado interno e externo, assim como garantir ao produtor o acesso às políticas públicas governamentais.

O caso do Paraná, pioneiro e exemplo de Cooperativismo

Especificamente no Paraná, houve três ondas de colonização que influenciaram no Cooperativismo do Estado no século XX: a primeira, no lado leste (entre Paranaguá e Curitiba partindo aos Campos Gerais) deu início ao cultivo de erva mate e criação de bovinos; no norte, com influência do comércio entre Minas Gerais e Paraná, o principal produto era o café; por último, nas regiões oeste e sudeste (com ação de produtores catarinenses e gaúchos), estavam entre os principais itens os suínos e os cereais (RICKEN et al., 2009).

O primeiro movimento caracterizado como cooperativo foi em meados de 1829, com imigrantes alemães que fundaram a Colônia Rio Negro, emancipada como município, com práticas de compra e venda de produtos e foco na vida comunitária, educação e lazer dos cooperados. Em 1890, imigrantes italianos formaram a Colônia Cecília, em Palmeira/PR, experimentando as premissas anarquistas com a produção de mudas, grandes lavouras de milho e pomares, tendo seu fim em 1893. Dezenove anos depois, em 1912, os poloneses fundaram em São José dos Pinhais/PR a Colônia Muricy, atualmente um distrito a 35 km da capital do Estado.

Já em 1925, houve a fundação da cooperativa de imigrantes mais próspera do Estado, a Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios Batavo, criada por 450 holandeses que chegaram ao Brasil em 1911. A partir desse exemplo, mais imigrantes uniram-se ao movimento cooperativo e foram bem sucedidos: Witmarsum em Palmeira, Capal em Arapoti, Agraria em Entre Rios e, em Castro, as cooperativas Batavo (atual Frísia) e Castrolanda.

Os anos após a década de 30 foram, particularmente, cruciais para o sucesso econômico dos Campos Gerais, área que apresenta médias produtivas superiores tanto dentro do Estado quanto a nível nacional. De acordo com Menegário (2000), a chegada de imigrantes holandeses, poloneses, russos, japoneses e alemães nessa época, por responsabilidade de organizações privadas e entidades de imigração, influenciaram no estabelecimento das criações e cultivos que, até hoje, são destaque na região. Foram estes imigrantes os responsáveis diretos pelo

melhoramento genético do rebanho de vacas leiteiras, implantação de pastagens cultivadas e produção de cereais.

No final da década de 60, iniciou-se a integração de projetos entre cooperativas e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (ACARPA, atual EMATER) e Departamento de Assistência ao Cooperativismo (DAC), com apoio de bancos, além da reestruturação em 1971 do modelo cooperativo do Oeste e Sudoeste paranaense, visando o fim da concorrência de cooperativas em diferentes municípios da mesma região, para que nenhuma saísse enfraquecida. O novo planejamento estrutural das regiões trouxe a possibilidade de desenvolvimento de um modelo cooperativismo agropecuário forte, que reflete até hoje. No mesmo ano, houve a fundação do Sistema Ocepar, com a missão de defender interesses de cooperativas e sindicatos do Estado do Paraná.

Assim, o Estado passou por diferentes ciclos econômicos que moldaram o modelo cooperativo paranaense, iniciando-se com a erva-mate, algodão, soja e trigo, fortalecendo-se no Agrobusiness nos últimos anos.

Nota-se, por meio da evolução da organização das cooperativas e suas instituições, que empreendimentos comunitários possuem seus pilares nos dons do ser humano, como a solidariedade e reciprocidade, e visam a valorização de características sociais sem deixar de lado o lucro.

É visto que o cooperativismo agropecuário do Paraná é exemplo para os demais Estados, tanto pelo seu papel econômico e social quanto à sua importância perante o governo (com o crédito rural) e, nos últimos anos, tomou impulso com as agroindústrias e no ramo das exportações (TELMA, 1997).

O trabalho integrado, levando em consideração a economia e questões vantajosas aos produtores, mostrou-se como a melhor infraestrutura para atender os interesses da produção paranaense. A partir de melhorias na produção agropecuária, as cooperativas ganharam força diante das grandes empresas, formando grandes complexos agroindustriais espalhados pelo Paraná (Sistema Ocepar, 2016).

As cooperativas paranaenses

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), o Paraná ocupa cerca de 2% do território brasileiro, numa área de 199,7 mil quilômetros quadrados e conta com 11,1 milhões de habitantes, apresentando um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil. Aliando infraestrutura, produção de matéria-prima e investimentos, o Estado apresenta Produto Interno Bruto (PIB) em torno de R\$ 289 bilhões e agora conquista quarto lugar de maior economia do Brasil, após ocupar o quinto lugar desde 1949. O Paraná encontra-se atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (JASPER & ORGIS, 2015).

Ainda segundo o IPARDES, a Agropecuária é responsável por mais de 10% do PIB do Estado, além de fazer com que o Paraná esteja em primeiro lugar como maior produtor de carne de frango, feijão, milho, trigo e cevada; segundo lugar no volume produzido de soja; e terceiro na produção leiteira e de carne suína.

O estudo de Ricken (2009) identificou em todo território paranaense, além de cooperativas individuais, três estilos de integração que são possíveis legalmente: união entre cooperativas filiadas diretamente, fusão das cooperativas em centrais e envolvimento com empresas de mercado.

Alguns indicadores do Cooperativismo, divulgados pela Ocepar em 2014, são demonstrados na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Indicadores do Cooperativismo paranaense no ano de 2014, em números. Adaptado de: Sistema Ocepar

INDICADORES	VALOR
Cooperativas registradas	223
Cooperados	1.079.737
Empregos diretos	79.241
Empregos indiretos	2.200.000
Faturamento em bilhões	R\$ 50,9 bi
Novos investimentos em bilhões	R\$ 2,8 bi
Exportações em bilhões	US\$ 2,4 bi
Resultados aos cooperados em bilhão	R\$ 1,9 bi
Impostos arrecadados em bilhão	R\$ 1,3 bi
Salários pagos em bilhões	R\$ 2 bi
Benefícios diretos	R\$ 400 mi
Eventos de capacitação	5.333
Investimentos no meio ambiente	R\$ 60 mi
Investimentos na saúde	R\$ 15 mi
Investimentos na comunidade	R\$ 10 mi

Uma divisão posta em prática desde 1993 pela Organização das Cooperativas brasileiras aponta que existem 13 ramos de cooperativas atuando em território paranaense: produção, lazer, turismo, trabalho, transporte, habitação, mineração, saúde, crédito, especial, educação, consumo e agropecuária (que consiste em um terço das cooperativas ativas). A região Oeste é que mais possui Cooperativas ativas, contando com 48 em todos os segmentos.

Espalhadas pelo Estado, os produtores rurais contam com 73 cooperativas no ramo agropecuário, registradas no Sistema Ocepar (Tabela 2):

Tabela 2. Cooperativas paranaenses registradas no Sistema Ocepar em 2016, no ramo da Agropecuária.

COOPERATIVA	MUNICÍPIO
CAPAL	Arapoti
CASB - Cooperativa Agrícola Sul Brasil de Londrina	Assaí
AGROPAR - Cooperativa Agroindustrial do Médio Oeste do Paraná	Assis Chateaubriant
COCAFE - Cooperativa Agrícola de Astorga	Astorga
Nova Produtiva	Astorga
COPACOL - Cooperativa Agroindustrial Consolata	Cafelândia
COOPRAMIL - Cooperativa Regional Agrícola Mista	Cambará
COOPERANTE	Campo do Tenente
COAMO	Campo Mourão
MARIA MACIA - Cooperativa Mista Agropecuária	Campo Mourão
COACAN - Cooperativa Agropecuária Candói	Candói
COAGRO	Capanema
CCLPL - Cooperativa Central de Laticínios do Paraná	Carambeí
Frísia	Carambeí
COOCENTRAL - Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola	Cascavel
COOPAVEL	Cascavel
COTRIGUAÇU	Cascavel
Castrolanda	Castro
Unicastro	Castro
COOPERLATE-VIDA - Cooperativa de Produção de Leite	Coronel Vivida
COAPROCOR - Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Corumbataí do Sul e Região	Corumbataí do Sul
COONAGRO	Curitiba
CAMDUL - Cooperativa Agrícola Mista	Dois Vizinhos
COOAVISUL - Cooperativa dos Avicultores do Sudoeste do Paraná	Dois Vizinhos
Agraria	Guarapuava
COAMIG Cooperativa Agropecuária Mista	Guarapuava
COOPERALIANÇA - Cooperativa Agroindustrial Aliança de Carnes Nobres	Guarapuava
COCEAL - Cooperativa Central de Algodão	Ibiporã
COPERGERA - Cooperativa Florestal dos Campos Gerais	Imbaú
COOPerval	Jandaia do Sul
Bom Jesus	Lapa
COOPERSUI	Lapa
COPROSSEL - Cooperativa dos Produtores de Sementes	Laranjeiras do Sul
CATIVA - Cooperativa Agroindustrial de Londrina	Londrina
CONFEPAR	Londrina
COOPLEITE - Cooperativa Central de Captação de Leite	Londrina
Integrada	Londrina
VALCOOP - Cooperativa Agropecuária Vale do Tibagi	Londrina

COCARI - Cooperativa Agropecuária e Industrial	Mandaguari
COLARI - Cooperativa de Laticínios de Mandaguari	Mandaguari
CODEPA - Cooperativa de Desenvolvimento e Produção Agropecuária	Mangueirinha
COPAGRIL	Marechal Cândido Rondon
COCAMAR	Maringá
CAMISC - Cooperativa Agrícola Mista	Mariópolis
Frimesa	Medianeira
Lar	Medianeira
Nova Citrus - Cooperativa dos Fruticultores de Nova América da Colina e Região	Nova América da Colina
COAVE - Cooperativa Agroindustrial Avícola União	Nova Aurora
COPAGRA - Cooperativa Agroindustrial do Noroeste Paranaense	Nova Londrina
COCAMP - Cooperativa Agrícola dos Campos Palmenses	Palmas
Witmarsum - Cooperativa Mista Agropecuária	Palmeira
C. Vale Cooperativa Agroindustrial	Palotina
COOPCANA - Cooperativa Agrícola Regional de Produtores de Cana	Paraíso do Norte
CM3	Paranavaí
COACIPAR - Cooperativa de Agricultura Familiar e Solidária do Paraná	Paranavaí
COOPERTRADIÇÃO	Pato Branco
COOPAGRICOLA - Cooperativa Agrícola Mista	Ponta Grossa
COOPERPONTA	Ponta Grossa
COFERCATU	Porecatu
CAMP - Cooperativa Agrícola Mista	Prudentópolis
COROL	Rolândia
COOCAROL - Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Cana	Rondon
COOFAMEL - Cooperativa Agrofamiliar Solidária dos Apicultores da Costa Oeste	Santa Helena
COASUL	São João
COPELER - Cooperativa dos Produtores de Leite do Território Entre Rios	São Jorge do Patrocínio
CLAC - Cooperativa de Laticínios Curitiba	São José dos Pinhais
COOPERNOBRE - Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Carne	Toledo
COVICAPAR - Cooperativa dos Produtores de Ovinos e Caprinos do Oeste do Paraná	Toledo
Prmato	Toledo
COAGRU - Cooperativa Agroindustrial União	Ubiratã
COPERFLORA - Cooperativa Florestal	Ubiratã
UNITA	Ubiratã
APROCER - Cooperativa Agroindustrial	Wenceslau Braz

Após quase trinta anos, as Cooperativas encontraram-se bem consolidadas e, no ano de 2008, já respondiam por mais da metade da produção agropecuária do Paraná (RICKEN *et al.*, 2009). Neste ramo, cerca de 80% dos cooperados são

pequenos e médios produtores, que só conseguiram acesso e consolidação no mercado agrícola graças à estruturação feita pelo cooperativismo.

Em 2015, o sistema cooperativo do Paraná apresentou um faturamento de R\$ 60,4 bilhões, geração de 2,6 milhões de empregos e crescimento econômico de 20% em relação ao ano de 2014.

Até 2008, seis Cooperativas paranaenses eram consideradas bilionárias, faturando mais de R\$ 1 bilhão ao ano, eram elas: C. Vale, Agrária, Integrada, Lar, Coamo e Cocamar. Já em 2016, estima-se que mais sete Cooperativas atingiram o mesmo patamar (Castrolanda, Frísia, Coopavel, Frimesa, Copacol, Coasul e Copagril) e, no ranking das 1000 maiores empresas do Brasil da revista Exame, figuram as treze Cooperativas paranaenses.

A Coamo atingiu sozinha a marca de R\$ 10 bilhões em faturamento e, juntas, estas treze somam 65% de todo lucro do sistema, ou seja, mais de R\$ 40 bilhões em receita.

A ascensão das Cooperativas coincidiu com os anos em que o Agronegócio mais acessou o mercado externo e atingiu números recordes na produção, desde quando a “onda agroindustrial” tomou forças na década de 90. A cadeia agropecuária empregou novas tecnologias no processo produtivo e dobrou suas exportações, tanto de proteína vegetal quanto animal, com destaque para a soja, milho e carne de frango.

Além do mais, o Paraná começou a investir no processamento da matéria-prima vinda do campo, o que não ainda ocorria. Com o aumento na infraestrutura da indústria de transformação, houve o aumento no valor agregado dos produtos do setor primário e os produtores paranaenses ficaram mais competitivos no mercado global.

Os presidentes das Cooperativas que chegaram ao “Clube do Bilhão” prometem ir além e, nos próximos anos, o foco é que o faturamento chegue na casa dos R\$ 100 bilhões e, para isso, o centro dos investimentos será na agregação de valor ao produto comercializado e consolidação das marcas no varejo. Em 2015, segundo a Organização das Cooperativas do Paraná, os investimentos passaram da marca de R\$ 2 bilhões e a geração de tributos atingiu R\$ 1,5 bilhão.

No primeiro trimestre de 2016, informações divulgadas pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) apontam que as exportações do Agronegócio por Cooperativas do Paraná chegaram a US\$ 1,36 bilhão, ou seja, 33% do total de exportações pelo setor no Brasil. Tudo isto é reflexo do esforço em conjunto dos 1,3 milhão de cooperados e 2 mil empregados espalhados por todo o Estado.

O cooperativismo na Ovinocultura

A Ovinocultura de corte é considerada uma atividade agropecuária de investimento inicial baixo e que se enquadra no perfil de propriedades com mão-de-obra familiar ou de pequeno e médio porte. Também é vista como uma opção para a diversificação na produção, visto que o ciclo produtivo dos ovinos para carne é curto (cerca de 30% do tempo gasto no ciclo da Bovinocultura de corte) e é possível que se aproveitem as instalações de outras criações, como a de suínos. Além disso, estes pequenos ruminantes podem ser criados exclusivamente a pasto ou em sistemas de Integração Lavoura-Pecuária, mais adequados no ponto de vista da sustentabilidade.

O rebanho mundial de ovinos, em 2014, atingiu a ordem de 1,2 bilhão de cabeças, de acordo com as informações divulgadas pela FAO (2016), com comercialização de 8,6 milhões de toneladas de carne no ano anterior. A Ovinocultura apresentou uma taxa de crescimento anual de 1,5% nos últimos cinco anos, bem como o que se observou no rebanho caprino mundial, porém percebe-se que, haverá maior crescimento no cenário mundial do rebanho de ovinos se comparado ao de caprinos a partir de 2016. Nota-se também que a expansão dos rebanhos mundiais não acompanhou o crescimento do mercado consumidor, que foi de 0,6% e isso leva a crer que, em 2016, o mercado de carne ovina ainda apresentará menor ampliação do que o aumento de rebanhos.

A produção de pequenos ruminantes se concentra em países em desenvolvimento, com rebanhos ovinos menores do que caprinos, e o Brasil se encontra em 18º lugar no ranking de maiores produtores de carne ovina do mundo. O rebanho nacional, em 2014, alcançou as 17,6 milhões de cabeças, com

expressiva concentração de 57,5% dos animais no Nordeste (10,1 milhões) e no Sul quase 30% (5,1 milhões), de acordo com a pesquisa de Souza *et al.* (2016).

Mesmo com criações menores e mais dispersas pelo território brasileiro, a comercialização de produtos ovinos apresenta maior preferência entre os consumidores em comparação com produtos de origem caprina. Na Figura 1, pode-se constatar que, a partir de 2012, houve a expansão do rebanho após um forte declínio durante o ano de 2011.

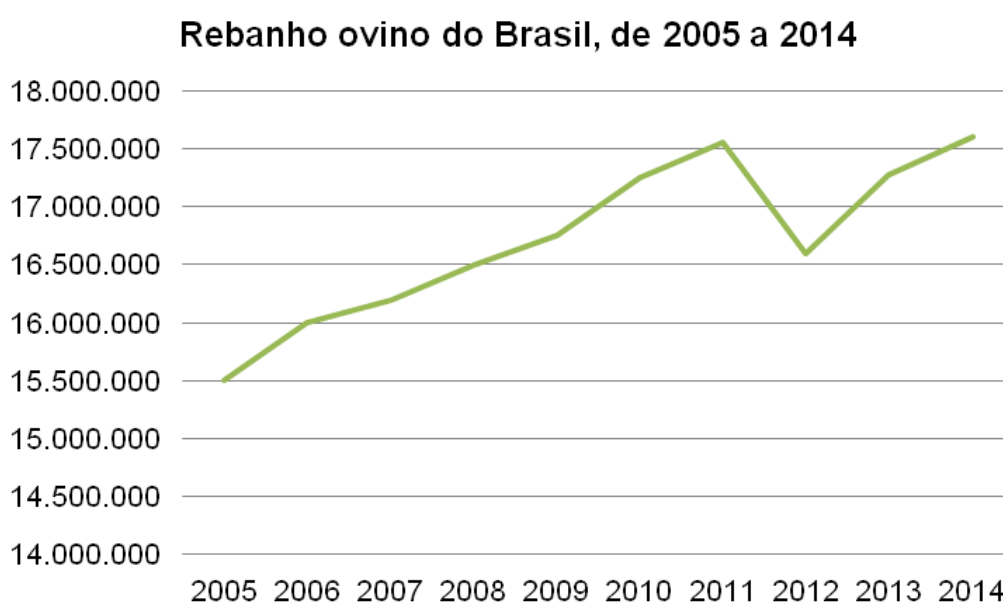


Figura 1. Comportamento do rebanho ovino brasileiro em 10 anos. Fonte: IBGE (2015)

No curto prazo, a perspectiva de crescimento da Ovinocultura não é linear, uma vez que diversas condições do cenário econômico instável e variáveis climáticas e políticas oferecem risco à atividade, não só para a produção ovina como também para as diversas áreas da Agropecuária (SOUZA *et al.*, 2016). Já em longo prazo, o crescimento populacional e de renda e a organização do setor podem estimular a expansão da produção, alcançando seu potencial. A carne ovina, apesar de ser um produto que apresenta uma popularização lenta, é muito procurada em boutiques de carne e restaurantes de grandes metrópoles (BITENCOURT, 2011). Os principais mercados pertencem a duas frentes bem distintas, de acordo com Souza *et al.* (2015): o consumo tradicional e regional de produtos com pouco ou nenhum valor

agregado; e o consumo *gourmet*, nos grandes centros urbanos pela população de melhor renda. Verifica-se que o mercado de carnes nobres, impulsionado pelo preço pago na carne de cordeiro e a necessidade de importação por falta de produto nacional, estimula novos criadores a investirem na atividade (RAINERI *et al.*, 2013).

O que se verifica é que, após a década de 90 e a crise da lã ovina, o mercado de carnes tomou força em diversas regiões do Brasil, com a implementação e expansão no Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte (BERNARDI *et al.*, 2014), regiões onde a atividade não tinha tanta significância até que se fosse possível a viabilização do sistema de criação e comercialização. Assim, pesquisas científicas e econômicas foram iniciadas a partir dos anos 2000 para preencher as diversas lacunas sobre a produção de ovinos para corte, principalmente no Sul, respondendo questões de manejo, comportamento, alimentação, genética, sanidade, fatores climáticos e econômicos da região (RAINERI *et al.*, 2015).

Em estudo anterior, Raineri *et al.* (2013) ressaltaram que inovações não são suficientes para o sucesso da atividade; o investimento em extensão e capacitação, questões básicas que muitas regiões brasileiras, com produtividade baixa na Ovinocultura, ainda carecem, apesar do grande esforço feito por entidades e algumas melhorias nos elos da cadeia produtiva já implantadas ao longo dos anos.

As criações são exploradas de forma extensiva ou intensiva, porém ainda apresentam grande potencial para o desenvolvimento da atividade. Simplício (2001) relata que 95% dos abates de pequenos ruminantes (ovinos e caprinos) são realizados de forma clandestina, sem padronização de produto e, mesmo com o envolvimento de criadores, instituições, universidades e iniciativas governamentais, a cadeia produtiva conta com o comércio informal (SANTOS, 2004). O autor também cita o problema de subutilização das estruturas destinadas à abate por falta de lotes de animais com peso e uniformidade de carcaça que satisfaçam os consumidores de carne ovina.

O simples fato de se investir na formalização destes abates, atividade comum no país, e na inspeção sanitária dos produtos cárneos de origem ovina já seria um grande passo para o fortalecimento da cadeia produtiva.

A desorganização da cadeia da Ovinocultura também afeta o acesso às informações sobre ela, como frisaram Viana & Borges (2005), ao avaliarem os

custos de produção de ovinos em pastagens no Estado de Minas Gerais. No Paraná, nota-se que os produtores estão migrando da criação totalmente a pasto para uma produção mais intensiva, fazendo desta uma atividade rentável para o criador que pretende diversificar a renda dentro da sua propriedade. Para o sucesso dessas mudanças, a ação das Cooperativas tornou-se imprescindível.

Monteiro *et al.* (2014) ressaltam a importância de se aliar a eficiência produtiva e a preocupação crescente com o bem-estar animal, tendência crescente na sociedade, para que o sistema de produção de ovinos se fortaleça e seja capaz de suprir o mercado interno brasileiro.

Assim como foi citado anteriormente, no Sul do Brasil, a Ovinocultura é vista como atividade rentável para pequenos e médios produtores, integrada às mais diversas produções como bovinocultura de corte e leite, fruticultura, silvicultura e vitivinicultura (VIANA, 2012).

O Paraná figura entre os 10 Estados brasileiros com os maiores rebanhos de ovinos e é o Estado do Sul que apresentou maior crescimento nos últimos 30 anos. As informações disponibilizadas pela Pesquisa Pecuária Municipal, do IBGE, registram que o efetivo paranaense corresponde a 3,7% da quantidade total de cabeças de ovinos no Brasil em 2014 (cerca de 17 milhões de animais) (Tabela 3). Pode-se notar que, a partir de 2004, o plantel apresentou um considerável aumento que, segundo Pires *et al.* (2014), foi reflexo de um crescimento contínuo que elevou o Estado para o sexto lugar no ranking desde o ano de 2009

Tabela 3. Efetivo de rebanho brasileiro de ovinos (em cabeças) de 1984 a 2014, das sete principais Unidades da Federação

Unidade da Federação	1984	1994	2004	2014	Participação
Rio Grande do Sul	10.992.870	9.711.917	3.826.650	4.223.266	24%
Bahia	2.582.119	2.710.831	2.988.569	2.815.438	16%
Ceará	1.133.113	1.333.385	1.852.448	2.229.327	12,7%
Pernambuco	497.408	493.769	943.068	1.924.342	10,9%
Piauí	980.406	1.223.370	1.486.298	1.210.967	6,9%
Rio Grande do Norte	248.049	260.749	489.862	860.037	4,9%
Paraná	261.925	597.616	488.142	650.231	3,7%

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

De acordo com o Departamento de Economia da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (SEAB), o Valor Bruto de Produção (VPB) da Ovinocultura paranaense atingiu a casa dos R\$ 70 milhões no ano de 2014. Estes valores são os mais recentes publicados até o momento.

Observa-se, no Estado, a criação de ovinos voltada para produtos de alto valor agregado, direcionados aos mercados que apresentam maior exigência quanto à qualidade e valorização de cortes especiais. Esta tendência, descrita por Barros *et al.* (2009), surgiu em meados do ano de 2003, quando produtores se associaram ou tiveram apoio de cooperativas ao buscar o mercado de carnes *premium*.

Em meio a mudanças profundas no sistema de criação de ovinos para corte, os principais objetivos a serem atingidos foram e ainda são a qualidade dos animais em características refletidas no produto, a padronização das carcaças comercializadas e a disponibilidade do produto durante todo o ano (RAINERI *et al.*, 2013).

No trabalho dos autores citados acima, abordaram-se os impactos das inovações tecnológicas no Sistema Agroindustrial da carne ovina e identificaram-se algumas particularidades referentes à cadeia, como: distância entre os municípios produtores e o centro consumidor; investimento em plantas frigoríficas que comportassem a produção voltada ao mercado mais exigente; adequação de manejo e uso de animais de raças especializadas para atingir a conformação de carcaça adequada à industrialização; investimento em mão-de-obra qualificada, processamento de produto e embalagem para conquista do mercado *gourmet*; dentre outros.

Uma das consequências da aplicação de tecnologias, além da redução nos custos de produção e de riscos, é a independência dos agentes da cadeia produtiva. Ou seja, mesmo cooperados, os produtores conquistam a autonomia na tomada de decisões a partir da sua capacitação (RAINERI *et al.*, 2013). No entanto, o que se observa é que o volume de informações e profissionalismo dos agentes envolvidos no Sistema Agroindustrial da Ovinocultura ainda não é suficiente para a redução das incertezas do mercado. Apenas a partir dos anos 2000, com o desenvolvimento tecnológico e científico na área, tornou-se possível encontrar suplementos, medicamentos, equipamentos, serviços de consultoria, softwares de gestão e

demais assistências pertinentes à produção de ovinos nas condições brasileiras. A aplicação dessas tecnologias criam novas demandas e condicionam a organização e estruturação da cadeia de carne ovina, mas observa-se, não só no Estado do Paraná, a necessidade de maior geração de conhecimento e aplicação prática dos estudos já realizados.

Como fator agravante, alguns produtores não fazem anotações referentes aos índices zootécnicos do rebanho ou fluxo de caixa, para otimizar a viabilidade econômica da atividade. Em pesquisa realizada no Estado de São Paulo, Raineri *et al.* (2015) verificaram que a parte dos ovinocultores da região pecam na identificação individual de animais, atividade de fácil correção.

Mesmo sendo uma atividade agropecuária rentável e promissora, a produção de ovinos de corte apresenta dificuldades encontradas no decorrer do ciclo produtivo que podem limitar o interesse dos produtores, por receio da ineficiência do sistema.

Caracterização das propriedades paranaenses

Pires *et al.* (2014) descrevem a criação de cordeiros para abate como o principal foco da produção paranaense, com um ciclo curto de aproximadamente nove meses, como o principal foco da atividade em sistemas de produção em pastagens cultivadas com suplementação e contando com produtores organizados em cooperativas. Segundo os autores, a Ovinocultura no Paraná tem base nos incentivos governamentais (Sistema FAEP, SENAR-PR, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná – SEAB, Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR e Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER), além de contar com o auxílio de grupos comerciais privados para a compra dos produtos.

Em meados de 2000, os produtores desmotivaram-se com suas criações, uma vez que os preços pagos pelos cordeiros comercializados estavam abaixo do desejado para cobrir os custos de produção. Desse modo, em 2003, o cooperativismo surgiu para dar uma guinada nesta realidade. Primeiramente, a SEAB agiu na construção do Programa de Estruturação das Cadeias Produtivas da Caprinocultura e Ovinocultura, visando a viabilização da produção local de ovinos e,

em 2007, surgiu a Câmara Setorial de Caprinocultura e Ovinocultura com o envolvimento de órgãos públicos e privados, com foco nas exigências do mercado.

O que se pode observar, a partir da estruturação da cadeia produtiva, é que a realidade de cada produtor é bem distinta, principalmente no que se refere à heterogeneidade de tamanho de rebanho, área disponível para a atividade, nível de conhecimento e tecnificação, gestão e presença de mais culturas e criações na propriedade (RAINERI *et al.*, 2013; RAINERI *et al.*, 2015).

A baixa eficiência técnica e produtiva dos rebanhos paranaenses é a mais grave consequência das falhas encontradas no gerenciamento da propriedade. Muitos produtores desconhecem os índices zootécnicos dos seus rebanhos por falta de escrituração zootécnica, pecam pelo baixo emprego de tecnologias e não controlam a receita do sistema de produção (RAINERI, 2012).

O Paraná divide-se em dez mesorregiões, de acordo com o entendimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), levando em conta a identidade das áreas individualizadas, são elas: Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental, Sudeste, Centro-Sul, Centro Ocidental, Oeste, Sudoeste, Noroeste, Norte Pioneiro e Norte Central Paranaenses. Dentre estas, cinco mesorregiões destacam-se como mais expressivas na cadeia produtiva dos pequenos ruminantes, como constam na Tabela 4, somando 65,22% do efetivo de rebanho do Estado do Paraná.

Tabela 4. Efetivo de rebanho paranaense de ovinos (em cabeças), no ano de 2011, das mesorregiões do Estado.

Mesorregião	Número de ovinos	Participação
Centro-Sul	105.257	16,37%
Oeste	102.493	15,94%
Norte Central	82.639	12,85%
Centro Oriental	80.813	12,57%
Noroeste	66.206	10,29%
Metropolitana de Curitiba	55.418	8,62%
Sudoeste	48.170	7,49%
Sudeste	46.677	7,26%
Norte Pioneiro	37.527	5,83%
Centro Ocidental	17.883	2,78%
Total	643.083	100%

Fonte: IBGE (2011)

Nestas áreas, encontram-se já consolidadas na produção e comercialização de ovinos grandes Cooperativas, citadas na Tabela 5.

Tabela 5. Grandes Cooperativas paranaenses, envolvidas com a Ovinocultura de Corte, de acordo com as mesorregiões do Estado

Mesorregião	Cooperativa
Centro-Sul	CooperAliança
Oeste	C-Victa
Norte Central	CooperCapanna
Centro Oriental	Castrolanda
Sudoeste	SudCarnes

Os produtores de ovinos do Paraná que fazem parte de Cooperativas, em média, estão há 14 anos envolvidos com a atividade pecuária concomitantemente à atividade agrícola, presente em 96% das propriedades (CARDOSO, 2016); em 44% dos casos, a Bovinocultura de Corte também apareceu como sendo outra atividade principal para a geração de renda nas propriedades que produzem ovinos para

corde. As demais atividades constam na Figura 2. Em 12% delas, as atividades de Bovinocultura Leiteira e Suinocultura se destacam como a atividade mais consolidada.

Atividades agropecuárias combinadas com a Ovinocultura

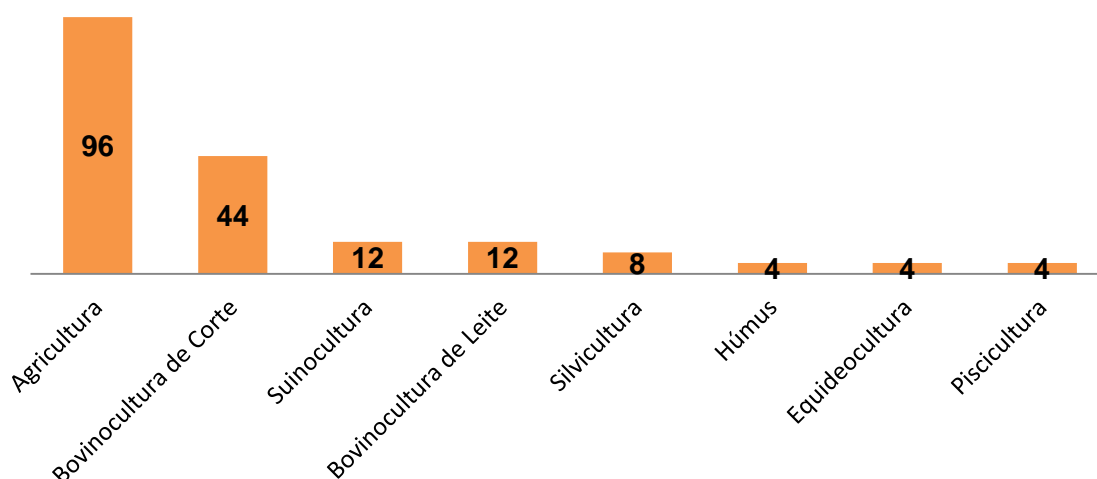


Figura 2. Atividades desenvolvidas em conjunto com a Ovinocultura de Corte no Estado do Paraná, no ano de 2015

A gerência das propriedades paranaenses, nas cinco mesorregiões mais expressivas, é feita em sua maioria por homens (84%). A faixa etária dos ovinocultores encontra-se entre os 40 e 49 anos de idade (em 40% das propriedades), seguidos de produtores com idades entre 50 e 59 anos (24%), 30 e 39 anos (16%), acima de 60 anos (12%) e até os 29 anos (8%). Destes criadores, mais da metade (56%) possuem Ensino Superior Completo (Figura 3). Com relação à forma de gestão da propriedade, 68% deles não contam com auxílio de nenhum profissional contratado e 60% dos ovinocultores acreditam que a gerência da propriedade será, futuramente, ainda conduzida de forma familiar.

Escolaridade dos ovinocultores

■ Ensino Superior Completo ■ Ensino Médio Incompleto ■ Ensino Médio Completo

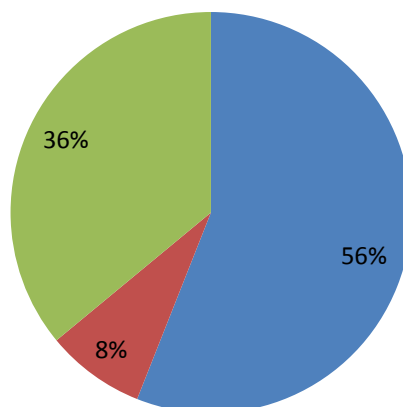


Figura 3. Escolaridade dos ovinocultores cooperados do Estado do Paraná, no ano de 2015

Quanto à mão-de-obra utilizada, apenas 8% dos patrimônios contam apenas com o trabalho familiar, sendo que 92% deles possuem funcionários contratados para as diversas funções. Em geral, como os ovinocultores não tratam a criação como a principal fonte de renda da propriedade, é comum que se tenha apenas um funcionário fixo contratado, responsável pelo manejo do rebanho ovino e ainda pelas demais atividades exercidas na área. Nos períodos de maior trabalho, há a contratação de trabalhadores temporários.

Em pesquisa realizada pela Comissão Técnica da Caprinocultura e Ovinocultura da FAEP, notou-se que as principais raças exploradas nas propriedades dos ovinocultores cooperados são a Texel, Ile de France e Suffolk, com a chegada recente das raças Dorper e White Dorper, como pode-se ver na Figura 4, a seguir.

Principais raças ovinas do Paraná

■ Texel ■ Ile de France ■ Santa Inês ■ Dorper ■ Suffolk ■ Hampshire Down

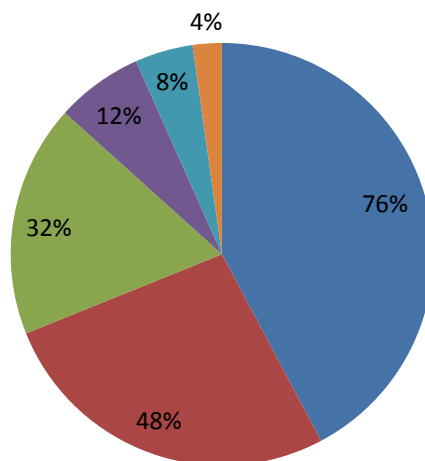


Figura 4. Raças ovinas encontradas nos sistemas de produção para carne no Estado do Paraná

A área destinada à Ovinocultura ocupa quase 25% das propriedades cooperadas no Paraná sendo que, em locais onde a atividade é a principal fonte de renda, este espaço chega a ser quase 80% da área total, enquanto que em alguns lugares o sistema de criação de ovinos atingem 5% da propriedade (quando esta é a terceira atividade agropecuária mais importante na geração de receita ao produtor).

O sistema de produção mais comumente adotado no Paraná é o misto, que combina o uso de pastagens e confinamento ao longo do ciclo produtivo (80% dos casos). Somente 12% das criações são realizadas somente a pasto e 8% dos produtores mantêm os animais confinados durante todo o ciclo.

Os ovinocultores cooperados apontam diversas características como seus pontos positivos, discriminadas na Figura 5.

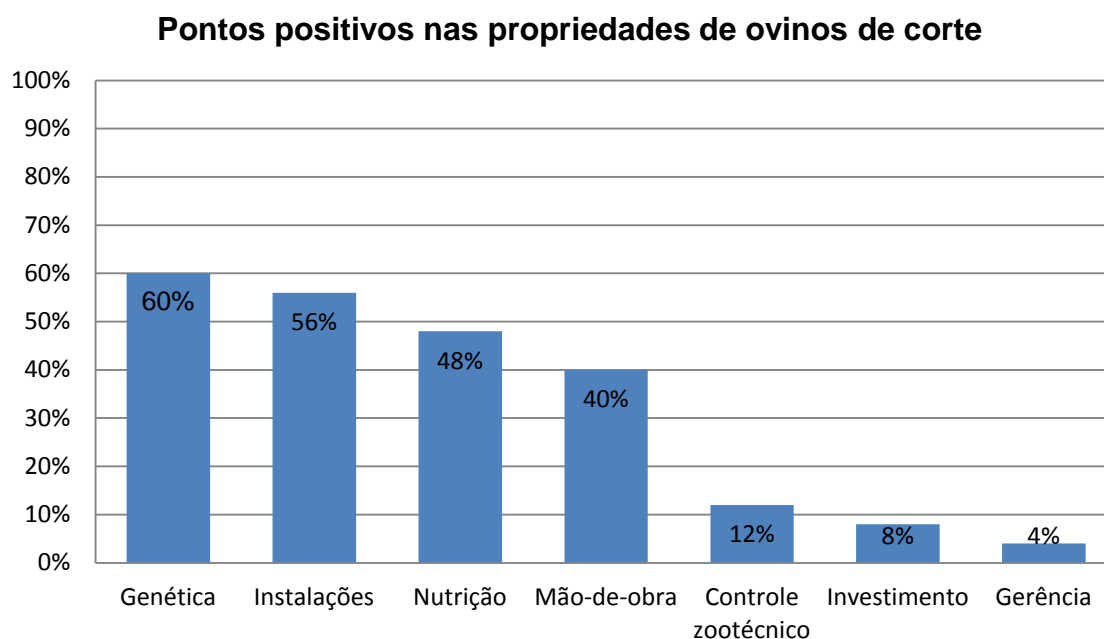


Figura 5. Pontos favoráveis apontados pelos ovinocultores paranaenses sobre suas propriedades rurais

O tamanho do plantel é distinto, sendo que a média do rebanho nas principais mesorregiões é de aproximadamente 388 animais. São observadas propriedades com uma amplitude de 57 até 1.329 ovinos, sendo que a média das criações da mesorregião Centro Oriental Paranaense é a maior, com 801 animais. Em seguida, encontram-se as mesorregiões Centro Sul (418 cabeças), Oeste (286 cabeças), Norte Central (184 cabeças) e Sudoeste (135 cabeças). Os produtores com os maiores rebanhos são também os que mais têm intenção de expandir o rebanho num prazo de cinco anos.

Com relação à visão dos ovinocultores cooperados quanto à importância do cooperativismo no sucesso da atividade, 64% consideram esse modelo socioeconômico muito importante, enquanto 12% deles deram pouca importância para essa doutrina na consolidação da Ovinocultura no Estado.

5 CONCLUSÃO

O Cooperativismo aplicado à Ovinocultura de Corte no Estado do Paraná atinge os objetivos propostos e torna a atividade cada vez mais viável economicamente. No entanto, observam-se diversos obstáculos, tais como a comercialização informal de ovinos, a falta de visão empreendedora de alguns produtores e os poucos estudos sobre a viabilidade econômica para que o sistema de produção torne-se mais competitivo.

Os melhores resultados na produção de ovinos no Estado do Paraná são reflexos das propriedades que enxergam a mesma como atividade econômica e utilizam ferramentas de gestão e controle para o uso dos recursos disponíveis com cautela, tornando-se mais eficiente e mantendo a sustentabilidade do sistema.

Assim, pode-se concluir que o cooperativismo, bem como o associativismo, é uma ótima maneira de trabalho em equipe e ajuda mútua, que almeja o crescimento financeiro e organizacional dos envolvidos, e que pode ser considerada uma das melhores estratégias para que os produtores mantenham-se firmes no mercado em período de crise econômica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, C. S.; MONTEIRO, A. L. G.; POLI, C. H. E. C.; DITTRICH, J. R.; CANZIANI, J. R. F.; FERNANDES, M. A. M. Rentabilidade da produção de ovinos de corte em pastagem e em confinamento. **Revista Brasileira de Zootecnia**, n. 38, p. 2270-2279, 2009.

BERNARDI, T.; SARAIVA, C. N. O.; SARAIVA, D. T.; TRENNEPOHL, D. Ovinocultura: o caso da Cooperovinos. XXII Seminário de Iniciação Científica Unijuí. **Anais...** Ijuí/RS, 2014.

BITTENCOURT, F. B. R. **Plano Estratégico de Marketing para Cooperativa Regional de Criadores de Ovinos de Santiago LTDA. – COOPEROVINOS**. Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Pós-Graduação de Marketing em Agribusiness. I-UMA, 2011.

BORGES, R.; ROMANO, C. A. **Estratégias em organizações cooperativas: um estudo de caso em uma cooperativa paranaense**. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STP_097_655_14574.pdf> Acesso em: 15 jul 2016.

CAMPOS, K. C.; MARTINS, E. C.; MAYORGA, M. I. O. A caprino-ovinocultura em arranjo produtivo nos municípios de Quixadá e Quixeramobim produção, mercados e emprego. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, **Anais...** Ribeirão Preto/SP, 2005.

CARDOSO, H. (2016, maio). **O custo do cordeiro**. Boletim Informativo do Sistema FAEP, 1345, p. 16-19.

FAO. **FAOSTAT Production live animals**. Disponível em: <http://faostat3.fao.org/download/Q/QA/E> Acesso em: 15 jul 2016.

FARIA, L.A. **Papel dos contratos na coordenação da cadeia da carne ovina**. Disponível em: <<http://www.milkpoint.com.br/radar-tecnico/ovinos-e-caprinos/papel->

[dos-contratos-na-coordenacao-da-cadeia-da-carne-ovina-46632n.aspx](#)> Acesso em: 25 jan 2016.

FARIA, L. A.; SILVA, D. J. **Segmentos de distribuição e consumo na cadeia da ovinocultura brasileira**. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br>>. Acesso em: 20 jan 2016.

FERNANDES, A. A. O. Fatores que afetam a sobrevivência de cordeiros Morada Nova no sertão do Ceará. Em: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, Camboriú. **Anais...** Camboriú: Sociedade Brasileira de Zootecnia, 1986.

GALVÃO, F. **Rebanho lucrativo: a criação de cabras e ovelhas é uma boa aposta no campo. A baixo custo, acompanha a explosão do agronegócio no Brasil**. Isto é dinheiro. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoedinheiro>>. Acesso em: 20 jan 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENES, R. M. **Agribusiness cooperativo: viabilidade econômica da abertura direta do capital pela emissão de debêntures**. Florianópolis: Tese de doutorado em Engenharia de Produção. UFSC, 2004.

GONTIJO NETO, M. M. O mercado de ovinos cresce e produtores se organizam em busca de novas tecnologias. **Informativo da Embrapa Gado de Corte**, v. 19, n. 1, p. 6-7, jan./fev./mar. 2005.

GUEDES, L. C. **Mercado promissor para a criação de ovinos**. A Tribuna, São Carlos. Disponível em: <<http://riototal.com.br/atribuna>>. Acesso em: 15 jan 2016.

GUSE, J.C.; DORR, A.C.; ROSSATO, M.V.; FREITAS, L.A.R. Cooperativismo para o desenvolvimento regional: uma caracterização socioeconômica da Cooperativa de ovinocultores do município de Santiago/RS. **Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 11, p. 2313-2320, 2013.

JASPER, G.; ORGIS, G. **PIB do Paraná ultrapassa o do RS em 2013 e é o quarto maior do país**. Gazeta do Povo. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/pib-do-parana-ultrapassa-o-do-rs-em->

[2013-e-e-o-quarto-maior-do-pais-4yw317zcdm1r1k93q9im9sxd](#) Acesso em: 19 jan 2016.

JORNAL DO OESTE. **Ampliação do mercado e parceria com cooperativas devem ampliar produção.** Disponível em: <<http://www.jornaldooeste.com.br/cidade/2015/04/ampliacao-do-mercado-e-parceria-com-cooperativas-devem-ampliar-producao/1386197/>> Acesso em: 15 jan 2016.

LAZZARINI, S. G. **Estudo de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e aplicações do método.** In: Estudos de caso em agribusiness, p. 9-23. São Paulo: Pioneira, 1997.

MAGRINA, J. **La sociedad anónim laboral.** Barcelona: Ediciones CEAC, 1986.
MENEGÁRIO, A.H. **Emprego de indicadores sócio-econômicos na avaliação financeira de Cooperativas Agropecuárias.** Piracicaba: Dissertação de Mestrado em Economia Aplicada. ESALQ, 2000.

MONTEIRO, A. L. G.; DEBORTOLI, E. C.; BIANCHI, A. E.; AFONSO, A. M.; HENTZ, F. Alternativas de Manejo para Pequenos Ruminantes Visando a Redução dos Impactos Ambientais. IN: SIMPÓSIO MARANHENSE DE PRODUÇÃO DE RUMINANTES A PASTO. **Anais...** São Luís: EDUFAMA, p.130-140, 2014.

PÉREZ, J. R. O.; CARVALHO, P. A. Considerações sobre carcaças ovinas. **Boletim Técnico 61.** Universidade Federal de Lavras (UFLA). Disponível em: <<http://www.editora.ufla.br>>. Acesso em: 20 jan 2016.

PINHO, D. B. **A cooperativa: associação de pessoas e empresa econômica.** Em: PINHO, D. B. A empresa cooperativa: análise social, financeira e contábil. São Paulo: Coopercultura, 1986.

PIRES, C. C.; CARVALO, S.; MACARI, S.; WOMMER, T. P. Situação e Perspectivas da Ovinocultura no Brasil: ovinocultura na região Sul do Brasil. In: SELAIVE-VILLARROEL, A. B.; OSORIO, J. C. S. **Produção de Ovinos no Brasil.** 1. ed., São Paulo: Roca, 2014.

RAINERI, C. **Desenvolvimento de Modelo de Cálculo e de Indicador de Custos de Produção para a Ovinocultura Paulista.** 2012. 230f. Tese (Doutorado em Nutrição e Produção Animal) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição e

Produção Animal, Departamento de Nutrição e Produção Animal, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, Pirassununga, 2012.

RAINERI, C.; LOPES, M. R. F.; STIVARI, T. S. S.; BARROS, C. S.; NUNES, B. P.; GAMEIRO, A. H. As inovações tecnológicas na ovinocultura brasileira e seus efeitos na organização do sistema agroindustrial. **PUBVET**, v. 7, n. 21, art. 1614, 2013.

RAINERI, C. NUNES, B. C. P.; GAMEIRO, A. H. Technological characterization of sheep production systems in Brazil. **Anima Science Journal**, v. 86, p. 476-485, 2015.

RICKEN, J.R.; TENÓRIO, F.G.; KRONEMBERGER, T.S. **O cooperativismo agropecuário no Estado do Paraná: a questão da Integração**. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/cooperativismo/25.pdf>> Acesso em: 15 jul 2016.

RICKEN, J.R. **A integração econômica e social nas Cooperativas Agropecuárias do Paraná**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado Executivo em Gestão Empresarial. FGV, 2009.

ROSENBUJ, T. **La empresa Cooperativa**. 2 ed. Barcelona: Ediciones CEAC, 1985.
SANTOS, M. B. Tem gente que vive de cordeiro. **O Berro**, Uberaba, n. 64, p. 52-54, abr. 2004.

SIFFERT FILHO, N. F. ; FAVERET FILHO, P. . O Sistema Agroindustrial de Carnes: Competitividade e Estruturas de Governança. **Revista do BNDES** , v. 10, p. 1-31, 1998.

SILVA, A. J. **Estratégias em organizações cooperativas: o caso da Cotrefal no período de 1964-2000**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro tecnológico, Florianópolis 2001.

SIMPLÍCIO, A. A. A caprino-ovinocultura na visão do agronegócio. **Revista CFMV**, a. 7, n. 24, set./dez. 2001.

SIQUEIRA, E. R. Produção de carne de cordeiro. **O Ovelheiro – Jornal da Associação Paulista de Criadores de Ovinos**, a. 14, n. 81, mar./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.aspaco.org.br>>. Acesso em: 15 jan 2016.

SOUZA, J.D.F.; GUIMARÃES, V.P.; MAGALHÃES, K.A.; BARBOSA, C.M.P.; MARTINS, E.C.; HOLANDA FILHO, Z.F.; MENDES, M.E.P. **Ativos Ovinos e Caprinos**. Disponível em: https://www.embrapa.br/documents/1355090/0/Ativo_Ovinos_Caprinos/2cba6db9-b704-4183-ba43-a8214b28eaa4?version=1.0 Acesso em: 19 ago 2016.

TAGUCHI, V. Possibilidades de comercialização. **Revista Escala Rural Especial**, ano II, n.15, p. 52-57, 2002.

TELMA, R.R. A Administração estratégica e a evolução planejada das organizações – O caso das Cooperativas agropecuárias paranaenses. XXI Encontro Anual da ANPAD. **Anais...** Rio das Pedras, RJ. 1997.

VIANA, J. G. A. **Evolução da Produção Ovina no Rio Grande do Sul e no Uruguai: análise comparada do impacto da crise da lã na configuração do setor**. 2012. Tese (Doutorado em Agronegócios) – Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VIANA, R. O.; BORGES, I. **Custo de produção de ovinos em pastagem**. Belo Horizonte, UFMG, 2005.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília, DF: Ed. UNB, 1991.